

N. 58

© RISO ©

Preço
\$200

JUNHO



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO À VENDA :

Album de Cuspidos 1ª Serie.	600 réis	D. Julia, a pianista	800 réis
Album de Cuspidos 2ª Serie.	1\$000 "	A Rainha do Prazer	600 "
Album de Cuspidos 3ª Serie	1\$000 »	Como ellas nos enganam	600 »
A Familia Beltrão	1\$500	Um a Victoria d' Amôr	600 »
O Chamisco	1\$500 "	Horas de Recreio	600 "
Variações d'Amor	800 "	Barrado	600 "
Comichões	800 "	Velhos gaiteiros	500 »
Flôres de laranjeiras	800 "		

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um	200 réis
Seis	1\$000 »
Pelo correio	1\$500 »

O CHAMISCO ou **O querido das mulheres**
 Preço 1\$500 - pelo correio 2\$000

No proximo mez

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SINHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000

Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1912

○ RISO ○

Semanario artistico e humoristico

NUM. 58

Propriedade: A. Reis & C.

ANNO II



QUEM É A MÃE?

Quando na sessão de sabbado ultimo na Camara, o fogoso deputado Irineu Machado declarou que o *pae* do quasi-defunto P. R. C. era o sr. João Lage, d' O Paiz, foi interpellado pelo seu im-

pagavel collega Serzedello que lhe perguntou então quem era a *mãe* do dito partido, ao que o sr. Irineu respondeu, dizendo ser, *provavelmente*, o sr. Quintino.

Ora, francamente, isso de dizer que o ex-Principe da Imprensa e hoje Patriarcha da Fraude, com aquellas venerandas cans tambem é mãe de qualquer coisa, seja lá do que fôr, póde ter muita graça, mas é um bocadinho duro de roer, não lhes parece?

Isso é muito serio, não ha duvida!

Ha no Parlamento quem com muito mais vantagem possa, por muitos motivos, fazer o papel de mãe... menos o sr. Quintino.

Ainda si o sr. Irineu dissesse que a mãe era o *Nicaflôr*, vá lá, tinha sua razão de ser... mas pretender que seja o venerando sr. Quintino, isso nunca!

Não, não póde ser. O sr. Quintino não tem cara de mãe...



E o *meeting* do Lupin?
—Dessa feita não acabou em incendio.



--Sabes? Minha filha que está no Conservatorio, tem talvez na garganta uma fortuna.

—Porque não lhe dás um vomitorio? Talvez ficasses rico...



ELIXIR DE NOGUEIRA

— do Pharmaceutico Silveira
Cura a syphilis.



**CHRONIQUETA**

Leitor, embora não seja
Coisa que troça mereça,
Devo falar da cabeça
Achada á porta da igreja
Do largo, ali, do Rosario.
Pois na verdade esse achado
(Que é sem duvida o producto
De um crime extraordinario,
Obra vil de algum malvado
Sem entranhas, de algum bruto,
Ou, de uma *bruta*, talvez...)
Foi da semana o assumpto
Principal, e até já fez
Com que a policia perdesse
Tambem a "bola", o bestunto,
Sem que o caso esclarecesse!
Naturalmente o autor
De tanta perversidade
Vae ficar, pois não, leitor,
Gosando da impunidade.
Porém, com franqueza o digo,
Si o criminoso apparece,
Unicamente um castigo
Quero crer que elle merece:
— Preso, emfim, esse canalha
(Brame o typo o que quizer)
Devem passar-lhe a navalha
Nas cabeças que tiver!...

* * *

A idéa do *seu* Foguin
(Que é levado da carepa)
De "empastelar" o *O Paiz*,
Muito panno deu tambem
P'ra mangas, e por um triz
Que o camarada se *estrepá*
Levando o grande *latão*
Do cargo de director
Lá da Imprensa Nacional.
Não levou, infelizmente...
Mas, a brava Associação
De Imprensa, ao *grande doutor*...
Lavrou sentença fatal,
E assim, num gesto eloquente,
Lá do seu seio o expulsou!
Foguin de raiva espumou,
Mas teve de se calar,
Jamais julgando que um dia
Mórmente agora, barbado,
Alguem tivesse a ousadia
E o gosto mesmo estragado
De assim sem mais o expulsar!...

Bem sei, leitor, que preferes
Que te fale de outra coisa,
Pois falo: —o Manoel Alferes,
Que mais parece afinal
Um simples Manél de Soisa,
Cava a vida no Hospital
Preparando as xaropadas.
Por seu azar outro dia
Viu-se elle numas alhadas
Co'um xarope que fervia
E que, num momento dado,
Por sobre os pés lhe cahiu.
O Manoelsinho, coitado,
Quando o xarope sentiu
Sobre os pés, a fervilhar,
De raiva pisou nos... callos
Com a dor poz-se a dansar
E depois lá foi cural-os.
Agora, o Manoel, isto é,
Enquanto estiver de cama,
Não póde fazer seu *pé*
D'*alferes* a qualquer dama!...

* * *

E' na verdade um malvado
O gajo que agora pégo
Para "trepar," o Machado
Que a um velho quasi poz cégo!
Ora imagina, leitor,
Que o tal Machado devia
Uma pequena quantia
A um pobre trabalhador
Já velhote, o Constantino.
Na passada sexta-feira
Estando mesmo a "nenhum"
Numa grande quebradeira,
Foi elle vêr si o *menino*
Podia passar-lhe algum
Por conta do que devia.
Deu o *estriilo* o tal Machado
Com a historia, e como trazia
Na mão um grosso cajado,
Não pagou, fez-se de fino
E por cima inda o metheu
No pobre do Constantino
Que um olho teve vasado
E por um triz não morreu!
Bem se vê que o tal Machado
E' mesmo sujeito máo!
Poz o velhote de "molho"
E ainda metheu-lhe o pão
Com toda a gana no olho!

Deiró Junior

Elixir de Nogueira do Pharmaceutico Silveira ● ● ●
● ● ● ● Cura molestias da pelle.



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem . . . 15.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Numero atrasado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital.. . . . 10\$000

Exterior... . . 12\$000

Films... coloridos

Acha-se sob a guarda e protecção de S. Ayres o retrato do Armando Estomago de Avestruz com a Angelina Lingua de Sogra, do S. José, na valsa dos beijos, do Conde de Luxemburgo... Isto dizemos-lhe aqui muito em segredo...

— A' vista do perdão solicitado, ficam suspensas até segunda ordem as reproduções, aqui, dos *films* exhibidos pela *fiteira* Luiza Lopes.

— Diz o Pinto Filhote de Bacalhau Ardidado, do Rio Branco, que, Carlota vae todas as tardes das 5 1/2 em diante exhibir *modestamente* seus *films* na Villa Ruy Barbosa...

Que diz a isto o *girente* Tavares?

— Foi encontrado no S. José, um guardanapo tinto de... *carmim*.

Ignora-se até hoje qual seja o criminoso ou criminosa; supõem-se que tenha *azulado* no ultimo paquete...

— Disse-nos o Silveira Barril de Sebo, do Rio Branco, que a Leonor até no Hotel Familiar faz propaganda das pernas...

Que gente linguaruda, safá!

— Veio á nossa redacção a corista Dolores, do S. José, declarar que não entornou «canja fria» de especie alguma, e que tudo quanto se disse a seu respeito não passa de uma perversidade de sua collega Angelina Lingua de Sogra.

Ahi fica a rectificação.

— Ao que parece, ficou para o dia de S. Nunca, a entrega da celebre capa promettida pelo Pedrinho de Nictheroy á Palmyra, do S. José, em troca da exhibição que ella lhe fez, de um amoroso *film*...

Anda sem sorte, a menina!

— Affirma o Canedo, do Rio Branco, que o Cartola está precisando entrar em uso do *Mucusan*, por causa de umas coisas...

Que *coisas* são essas, *seu* Cartola? Será algum *esfriamento*?

— Disse-nos a Rosa Bocca de Sopa que sua collega Trindade esconde agora tão bem a garrafa, contendo a caninha do O', que leva para o theatro, que ninguem descobre onde ella a põe. Entretanto, a Dolores diz que a Rosa o que quer é descobrir onde fica a garrafa, para tomar tambem a sua *lambada*...

Livra, que encrenca!

Operador.

Trunfos e Biscas

O Rei «dos Fôgos»

Pessoa (aliás mui digna) da Trindade...
Dos tres Irmãos—mui bravos militares—
E', de entre os tres... Permittam que, á Verdade,
Não falte :—o Popular dos populares...

Em vez de, com furor, com crueldade,
Viva, atacar choupanas ou Solares...
Intemerato, arranca, os nossos Lares,
Do Incendio, á viva, atroz voracidade!

Do mais ligeiro Incendio, ao ter aviso...
—Rebate falso, até—não é preciso,
P'ra lôgo ir extingui-lo, o menor rôgo...

Por isso, elle é (bem mais que justamente)
Querido, a mais não ser; por toda a gente...
—Desde o Canal do Mangue, a... Bota... fogo!

Dois de Páos.

Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

20, RUA SARA, 20

Telephone Central 2218

00000 RIO DE JANEIRO 00000



Leviandade do Zéca

O Juca encontrou o Zéca no «Jereimias», tomando o seu cafésinho.

— Olá, *seu Zéca!* Que fim levou?

— Andando por aqui mesmo, meu caro Juca.

— Olha, queres ir a um baile?

— E' casa conhecida, Juca?

— Tua, não, porém, minha...

— Então, como queres que vá!?...

— Ora, vaes commigo. Apresento-te á familia. E' gente boa. E' uma casa cheia de moças. Vais vêr.

— Bem, neste caso, vou.

— Então, até amanhã, ás 8 horas em ponto, no Largo da Carioca. Não faltes? Sim. Até amanhã. Serei pontual.

.....
Cada um seguiu rumo differente.
.....

A casa onde ha o baile é na Praia de Botafogo. Está toda resplendente de luzes, cujo reflexo brilhante, produz um todo encantador por toda a sala, deixando-a deslumbrantemente bella, tal a pureza dos fócios multicôres que ali se notam em todos os pontos, pendentos das bambinelas e serpentinas, envolvidos em mimosas flores que, docemente, vão derramando pelo ambiente o seu perfume encantador e suave.

Não ha quem não fique encantado ali, e não sinta dentro d'alma um prazer immenso, ao vêr tanta belleza reunida!

Faltavam 10 minutos para as 9 horas, quando o Juca e o Zéca entraram no salão.

Depois da apresentação do Zéca, aos donos da casa e as demais pessoas que se encontravam nessa festa, os dois amigos procuraram uma janella de onde pudessem apreciar o movimento do baile.

Virados com a frente para a sala, ellesahi ficaram conversando.

Ora, o Juca tinha familia, composta de sua velha mãe e tres irmãs, e, todas ellas, as quatro, nesse momento, estavam postadas defrente delles.

Naturalmente, por distração, ou esquecimento o Juca deixára de apresental-as ao seu amigo.

.....
Mas... o baile refervia. Havia grande animação, dansavam, e, depois da primeira quadrilha, da qual o Zéca não fizera parte, por julgar ainda cedo, cada um dos pares levava pelo seu braço, a sua dama, ao «buffet», ou para tomar algum liçor ou outra qualquer coisa, de-

pois do que tornavam á sala, aproveitandoo a valsa ou o tango que estava sendo executado pelo pianista.

.....
Os dois amigos ainda continuavam na janella, conversando animadamente, e o Zéca não cessava de lançar as suas vistas pelas damas que passeavam pela sala, escolhendo de preferencia as bonitas, moças e meigas, quando o seu profundo olhar foi descobrir quatro senhoras que estavam sentadas, de frente para a janella onde se achavam elles.

Ao vel-as, o Zéca tocou no braço do amigo, e exclamou?

— Olha, Juca, que bicha feia!

— Qual? indagou o amigo.

— Aquella que está ali sentada no sofá, á direita daquellas tres.

— Achas?

— E' horrivel!

— Pois, lamento, meu caro, aquella é minha irmã.

— Aquella, ali?—fez Zéca, apontando em direcção da moça que achara feia!

— Sim, senhor. E' minha irmã.

— Mas, não é daquella que eu falo...

— E de qual, então?

— Da outra, ao lado.

— Continúo a lamentar. E' tambem minha irmã.

— O' senhor! E' aquella 3ª, a que fica ao lado de tuas irmãs...

— Ai, Zéca! o lamento é o mesmo.

— Porque, homem?

— Porque aquella é tambem minha irmã.

— Qual?

— A 3ª, a 2ª, a 1ª, todas que você tem apontado. Todas tres são minhas irmãs.

— Que! não é isso! Vê bem, Juca!

Eu falo é daquella velha feia que lá está entre as tuas irmãs...

— Ahn! Achas, então, feia aquella velha?!...

— Medonha! não concordas?

— Concorde... mas... ella é tão boa, tão carinhosa, que a sua fealdades, desapparece diante dos meus olhos.

— Conheces-l'a, então?!

— Desde criança...

— Quem é ella, pois, a quem tu defendes com tanto ardor?!

— E' minha mãe...

— ?.....

Florestan.



— Porque o Matheus quiz elevar uma estatua ao Eça e não a qualquer heróe nacional?

— E' que a estatua do Eça passa a fronteira.



CORRENDO A FITA

KINEMA-CORTANTE

Cada vez mais eu me convenço que, o—*ser fiteiro*— é nos tempos que correm um attributo inseparavel da personalidade humana. E' fóra de duvida, uma qualidade innata, e não uma resultante mesologica.

Mas, deixemos estas considerações pretenciosas sobre philosophia para os que pretendem acabar com a vida e passemos a narrar o que nos ha succedido de oito dias a esta parte. Ora, imaginem os meus leitores, que estou aqui estou montando uma fabrica de «films», pois é tão grande o numero dos que têm *posado* ultimamente que hoje apresentamos o programma em duas partes:

1ª Parte — Leviandade de amigo — «film» colorido de 1500 metros (semi-tragedia).

2ª Parte — A mulher-homem, ou a Irinéa do Theatro. Esta fita é dramatico furiosa.

Preparem-se pois os leitores, que a sala vae ficar escura e vamos dar inicio ao programma.

*
*
*

1ª Parte—A scena representa um bar chic na Avenida Central; bebe-se ali de tudo, sempre acompanhado da melhor gente e de pessoas gradas na nossa sociedade, já por dotes intellectuaes ou physicos (comprehendendo-se n'estes ultimos, as roupas), já pelas posições na politica.

O incansavel X. colleccionador de coisas prehistoricas e annotador de escandalos em familias, que tambem é nosso prestimoso *amigo-informante-theatral*, sorve a longos goles um chopp da fabrica Antarctica.

X, á semelhança de *Did*, está irrequieto; e essa inquietude em que se acha, demonstra colera *incontida e immorrivel* como diz S. Exa. o Rei da Beocia). Eis senão quando apparecemos á porta do bar, e mal collocamos o pé direito na soleira da mesma, já o nosso amigo X estava de pé, brandindo um *grosso petropolis*, vermelho como um tomate, a espumar pelos cantos de sua mimosa bocca, emfim, toda adjectivação pomposa para exprimir 600 grãos ao sol, de colera.

Dirigimo-nos para a mesa em que elle tomava o «chopp» e fomos logo abordados asperamente antes do costumado *shake-hand*.

—Tu és um sacripanta, um jacaré de lunetas, um pedaço d'asno, seu Julc!

—Que é isso, X? Deixa-te de expansões parlamentares, retruquei.

—Eu tenho razão! Vou fazer uma conferencia aqui mesmo sobre teu procedimento!

E ia a trepar n'uma cadeira, sendo, porém obstado por todos os presentes, que mandaram o garçon trazer uma—*sôda*.

O homenzinho melhorou da molestia de que estava atacado e nos respondeu deste modo:

« Eu gosto de ser agradável aos amigos, contando-lhes em segredo uns e-candalosinhos em familia, mas isso não implica dizer que autoriso a divulgá-los. Agora acabo de ser quasi victima de um insulto apopletico, tão grande foi a commoção que senti.

Já está á venda

O CHAMISCO

OU
O querido das mulheres

Preço 1\$500

— :: —

Pelo correio 2\$000



Vou narrar o que succedeu. Estava eu na rua R... despreoccupado, pensando na centena que ia dar, quando oiço gritos lancinantes que partiam de um sobrado fronteiro.

Gente corre; carregadores querem correr tambem e deitam ao chão os seus preciosos fardos que, arrastam na sua queda transeuntes incautos, tal qual como uma fita de *Tontolino perseguido*. Os gritos continuavam. O guarda-civil relaxa a rispidez de elegancia que mantinha, agita o S. Benedicto e corre ao—chave Cidadão.

Passam-se cinco minutos de anciedade e de gritaria no sobrado.

Ouve-se logo o *zimbarr de uma campainha* (a phrase foi autorizada pelo Sr. Coelho Netto).

Chega a Assistencia, saltam os medicos, uma duzia d'elles talvez; gente que jogava roleta no *Vale Quem Tem* abandona as paradas para ver do que se tratava.

Voltam os medicos do sobrado depois de applicarem uma injeccão do metal triatonico Hg, na pessoa que soffria e continuam a sua faina de socorrer a humanidade.

Dispersa-se o povo, etc., etc., e sabem vocês quem o culpado de tudo aquillo, d'aquelle sangagú? Tú, seu Julc! Foste attribuir factos que te contei a uma mocinha que nada tem com elles e que foi victima de um ataque hysterico.

Olha, Julc, quando tiveres de dizer qualquer coisa, mesmo que seja uma verdade, devez attender ao que dizia Eça de Queiroz:— «sobre a forte nudez da verdade... ou então como eu faço:— atraz da vergonhosa verdade... o *biombo* da phantasia.»

Prometti ser mais discreto e, de pazes feitas, sahi do bar, de braço dado com o incomparavel X.

Depois de muito flandar, sentimos fome e como estavamos no Largo do Rocio, accordamos jantar no München. Ahi começa a 2ª parte do programma.

Sentado a uma ^{* *} mesa do restaurant estava um par em amistosa palestra e em fervoroso mastigo.

Elle, Mr... alguma coisa parecido com o finado D. Luiz de Portugal; phisionomia mais lisa que um ovo, um pouco vermelho, encabulado, trazendo enfiado num dos dedos, um anel com pedra tão vermelha quanto o seu rosto.

Ella, Madame... o melhor reclame do moreno brasileiro, de cabellos pretos e olhos côr de azeitona.

Embuçado num «manteau» de velludo preto, chapéo touca, encarnado, *écharpe* ao pescoço, aneis nos dedos, etc., etc.

Quando entramos atacavam os dois umas costelletas de porco. Este seu creado Mathias, deitou um olhar de *peixe pôdre* para a dita Madame que logo se enraiveceu e quasi se engasgou. Meu amigo X, receioso da integridade de meu frontispicio, puxou-me a aba do frack com tanta força que quasi a despregou. Sentamo-nos a uma mesa quasi fronteira ao par para iniciarmos a movimentação dos maxillares.

Meu amigo X, começou logo a desenrolar a fita, contando-me muito em segredo, que a Madame... (que não é a companheira de nenhum Pery), tinha um, quer dizer, uma duzia de cabellinhos na venta.

—Genio é ali, seu Julc; quando ella se *espalha* é peor que surucucú apagando fogueira em noite de S. João.

Ainda ha dias, attribuiram-lhe injustamente uma reportagem theatral, e ella, innocente, estrillou, fez barulho grosso, reconheceu firma, acareou testemunhas, emfim, bramou mais que a Zeferina quando quer que o pessoal da casa penetre na Flôr do Castigo.

Outra melhor foi em dias que longe vão. Um medico de hygiene quiz visitar o «water-closet» da casa em que morava Madame.

Ella recusou, desenrolou a fita, rasgou a intimação, subiu as escadas da Repartição e foi falar ao chefão da brigada, que apesar de ser um Leão ouviu-a e attendeu seu pedido.

Previno-te uma coisa, Julc, tu te atrapalhas porque a Madame é cuéra.

—É o gajo que está jantando com ella?

— Dizem as más linguas que nunca o viram advogar á porta do xadrez, porque tem um bom emprego.—Mesada do papae—, a qual lhe fornece meios para a representação diplomatica de *Chefe das Obras do Porto na Sicilia*.

E assim terminou meu amigo X sua trepação, recommendando muito sigillo sobre o que me contou, por causa do genio d'ella.

A coisa sendo assim tão perigosa eu peço que os leitores não divulguem o que leram.

Julc.



Numa aula de Direito Constitucio-
nal:

—Como são escolhidos os presidentes dos Estados?

—São nomeados pelo presidente da Republica.



A explicação

Era D. Leonor uma dona de casa exemplar e honesta: seu marido, porém, era um valdevinos de marca maior.



— Contudo, elle conseguia illudir a mulher que nada suspeitava de suas proezas.

Não vinha tarde para casa, mas, durante o dia, tinha meios e modos de fazer das suas.

Frequentava muitas casas alegres e, á hora do jantar, lá estava ao pé de sua cara metade.

Aos domingos é que se lava. Tinha mesmo que ser serio e isso o apoquentava.

Não aguentou muito tempo assim e encontrou um meio de dar seus rasgões no contracto matrimonial, mesmo ali nas barbas da mulher.

Tratou de requestrar as criadas e assim o fez.

Havia entre ellas, a copeira Ignacia, uma rapariga parda de seus trinta annos, razoavelmente feia, mas bem feita de corpo.

Foi para esta que o marido de D. Leonor lançou suas vistas.

Não foi difficil em conquistal-a e tanto elle gostou da coisa que ficou mais assiduo em casa.

Era de dia e de noite; e, tanto que não tomava precauções.

Um bello dia, julgando que a mulher estivesse costurando, elle apanhou a copeira na sala de visitas, sentou-a ao côlo e poz-se a beijal-a.

Nisto chega a velha e, vendo aquelle quadro, começou a gritar furiosa:

— Seu cachorro! Seu patife!

— Mas, Leonor...

— Não tem *mas* não tem nada. Você não me passa de um...

— Mas...

— Ainda quer justificar-se... Você é um sujeito indecente.

— Eu tinha o dever de...

— Dever! Este homem é verdadeiramente cynico.

A criada tinha se escafedido e o marido de D. Leonor ia ganhando terreno.

A mulher vociferou ainda:

— Dever!

— Sim, meu amor, uma mão lava outra. Quando eu era criança, as criadas não me carregavam ao côlo? **Hum.**



?

Elisa no terceiro mez de casada começou sentindo algo de anormal que não procurou esconder ao marido.

— Não sei que tenho, Procopio, mas sinto que meche alguma coisa na barriga que preciso consultar um medico.

— Isto não é nada.

— Mas estou impressionada.

— Tu não sabes o que é?

— Não.

— Ora... chupa este dedo, dizia o caro esposo apontando o indicador da mão direita.

— Não sei, já te disse, torna a innocente cara metade.

— Isto, naturalmente, comeste alguma fructa que vae inchar a barriga.

— O' não venhas com estas tolices. Queres talvez acreditar que chupo o dedo?

— Eu não sei se será o dedo... mas com certeza chupaste alguma canna... que só no fim de nove mezes saberás.

Dom Perninhas.



O Rego Medeiros já falou e a Camara não veio abaixo. Foi um milagre...

Elixir de Nogueira do PHARMACEUTICO SILVEIRA
Grande depurativo do sangue.



HISTORIAS ANTIGAS

O atavismo

Era Alfredinho o filho predilecto
Do já velho Anacleto,
O escrivão de uma grande pretoria;
A que mais freguezia
Contava, entre as outras pretorias.

Passavam já uns dias
Que o Alfredinho, á noite, para casa
Não ia, como outr'ora;
E o pae, coitado, com a cabeça em brasa
Buscava o filho agora.

Após bastante tempo de pesquisa
Vae encontral-o em casa do Baptista
E... apenas em camisa...
Elle, o filho de um grande moralista!

— Tu, meu filho querido
Derrocando o castello construido
Por toda a sapiencia
Da minha cubiçada intelligencia.
Tu não és meu amigo!...
Estás cavando assim, dessa maneira,
O profundo jazigo
Onde irá descansar a minha osseira.»

Exclama o pobre velho,
Continuando em tom de promotor:
«Enfeitar de *Cornelio*
O meu melhor amigo e protector!...
Demais a mais, grandissimo canalha,
Não vês que é mãe, aquella,
Do amigo que te présa e te agasalha
Da humanidade, á ironica procella?»

*
*

E o rapaz, já cançado da lição,
Enxuga o suor do rosto,
No hombro do pae colloca a nivea mão
E responde, indisposto:
— «Ora, papae, palavras, nada mais!...
E tanto que o melhor amigo meu
E' o senhor; e do senhor sou eu,
E amigos somos incondicionaes
Apesar do papae
Ralhar assim commigo!

— «E, o que é que ao caso vae
O sermos nós os dois, um só amigo?»
Exclama o velho irado,
Rubro como a romã;
Ao que responde o filho indignado:
— «E todavia, vive co'a mamã!...»

A. B. Lio,



O PARAISO

Como os leitores sabem, acha-se entre nós o Sr. Paul Adam, que dizem ser um grande escriptor francez. Obedecendo a sua orientação, não podia «O Riso» deixar de ir ouvir-o a respeito de suas impressões do Brazil.

S. Ex. não é alto nem magro, nem gordo nem baixo; é, porém, barbado de sobra.

Eis ahí uma indicação que muito deve servir aos leitores da nossa revista.

Recebeu-nos o romancista em seus amplos salões do Hotel dos Estrangeiros, com a habitual amabilidade com que sempre são recebidos os jornalistas.

Dissemos logo ao que iamos e S.Ex. foi logo expectorando:

— Isto aqui é o paraíso terrestre.

— Mas, Ex., retrucamos nós em nosso mão francez, aqui ha fome, ha miséria, ha todos os males de que a terra está cheia.

— Não ha duvida! Mas, isto aqui é o paraíso terrestre.

Não tem V. Ex. lido que nossas lutas politicas têm causado tantas mortes?

— Tenho; isso, porém, não vale nada. O Brazil é o paraíso terrestre.

— V. Ex. é devéras optimista, mas se conhecesse a miséria que reina nas cercanias do Rio de Janeiro, talvez...

— Já ouvi falar, ou antes, nunca ouvi falar, mas posso garantir que isto aqui é o paraíso terrestre.

— A insistencia de V. Ex. é devéras notavel, e faz crer que V. Ex. tenha fortes motivos para isso.

— Nenhum: mas posso assegurar que isto aqui é o paraíso terrestre.

Nossa insistencia e sua insistente resposta já iam ficando cacetes: tomámos, portanto, o alvitre de mudar de assumpto.

Falamos em nossos homens politicos.

— Gostou V. Ex. do marechal Pires?

— Muito. Que eloquencia! Pena é, que não entenda portuguez, senão teria julgado melhor.

— E o Sr. Lauro Müller?

— Este! Este é que é o verdadeiro paraíso terrestre.

Temendo que o homem continuasse por esse caminho, tomamos a prudente resolução de nos despedirmos.



Aconselhamos aos suicidas por amôr um passeio á... Cythera.



Que logica !...

O Braz, fraco e a carnuda Rosa, tida
Como mulher p'ra cem homens, capaz
De resistir a mais tremenda lida,
«Combateram» um dia por demais.

Depressa «morre» o Braz, fica sem vida,
Porém Rosa co'os olhos sensuaes,
Quer sempre «combater», té ser vencida,
Apezar da impotencia do rapaz.

Sendo em taes lutas pessimo soldado,
Braz, á mulher, que geme como louca:
«Filha. Basta.» responde extenuado.

«Não me culpes se não te satisfaço...
E' mais facil, amor, abrir-se a bocca,
Que sempre tezo levantar-se um braço.

Dom Ferninhus.

A' VENDA:



ALBUM DE CUSPIDOS
SCENAS INTIMAS



2ª Serie : Preço 1\$000 réis



Films .

Rego de Medeiros

«Quem porfia mata a caça» é este um dos dictados de mais valor, pela grandesa de sua significação e de sua verdade.

Sua Ex^a., o Sr. Deputado Federal por Pernambuco, Rego de Medeiros, que o diga em benefício dos interessados das altas posições que ainda andam no matto atrás de «caça».

Porque, não é de hoje que o *seu* Rego batalha nessa «picada» repleta de «veados», «cotias», «pacas» e outras diversas qualidades de «animaes» dessa nova especie de zoologia.

Sua Ex^a percorria toda a vastidão até onde foi possível haver margem para suas «caçadas».

Não faltou, ponto nenhum—Senhorial, Quintas, Castellos, Feudos e Villas, onde Sua Ex^a. não tivesse deixado os vestigios de sua passagem.

Em todos os dominios, desde o pequeno bosque até a immensa floresta, Sua Ex^a. andou, noite e dia, em busca daquillo de que tanta vontade tinha de possuir.

Era uma coisa sublime, pathetica, vel-o atravessando as grandes mattas em perseguição de algum «animal».

Armado dos pés á cabeça, o *seu* Rego jámais emmoreceu, e embora, ao regressar á casa, seu sacco de caçador viesse vazio, elle não esfriava, porque, no dia seguinte, começava elle resignadamente, uma nova partida.

E assim, nessa lucta ingrata, S. Ex^a. levou um tempo inglorio, por montes e por vales, ancioso, perdendo noites, passando fome, soffrendo sêde, sem conseguir, nem siquer, ao menos, «caçar» um «coelho».

Até que ultimamente, já descrente da sorte sem mais esperança, Sua Ex^a., resolveu abandonar de todo a sua vida campestre, e naturalmente plantar batatas, quando, inopinadamente, recebeu um convite para uma grande «caçada».

Ora, o tal convite fôra feito por um «emerito caçador», o mui *illustre* senhor Conde «Herminio».

Preparou-se Sua Ex^a, o *seu* Rego, e depois de ter feito uma limpeza geral em seus «armamentos», bagagens e etc., partiu «como uma flexa», mas não louco nem mudo, porque S. Ex^a., foi com muito bom juizo e fallando até de mais, por todo o mattagal em vão, indo encontrar, não os filhos na prisão, como disse Guerra Junqueira : e sim, a «caça» atrás da qual andava ha tempo.

Foi nas mattas do Castello do Sultão do Reino de Pernambuco que se realisou a famosa «caçada».

Teve muita sorte S. Ex^a. pois o «bicho» não demorou na «cova».

A batida foi iniciada em torno do «Castello», e o *seu* Rego, depois de ter percorrido toda a «zona castellar — Avenida Ouvidor—Lapa — Cattete» e outros pontos que não me acodem agora á memoria, desencavou a galosa e ambicionada «caça» num pequeno bosque chamado São Francisco, onde, acompanhado de *grande* numero de *caçadores*, e perante os quaes, soltou o brado de *victoria*, pela conquista que acabou de fazer.

Hoje, quando vejo S. Ex^a. na Camara dos Deputados, fallando com a sua voz retumbante, manifestando suas idéas, defendendo *seu chefe*, e pondo, com alegria, no fundo dos seus bolsos, o milagrosissimo papel a que dão o nome de «olho de boi» e que não passa de uma pelega de cem mil réis, eu digo cá com os meus botões :

«Metta a fubéca, *seu* Medeiros, quem não chora, não mama.

Gaumont



Eram onze horas da noite. A sala do commissario estava cheia de mulheres que aguardavam a audiencia do delegado que é marcada para as oito horas.

Debruçado sobre uma mesa, um cidadão rabisca sobre uma folha de papel. E' o commissario de dia passando a limpo as occurrencias. De quando em quando soldados e guardas civis atravessam a sala. Varias vezes *zimbra* a campainha o telephone.

De repente ha pela rua um ruido extranho : gargalhadas, gritos, e vozes de todos os timbres. Alguem sóbe a escada resmungando, protestando contra a violencia. Baseia-se nas palavras de Paul Adam : o Rio é o paraizo terrestre.

Na sala do commissario dão entrada um guarda civil e um individuo completamente embriagado e com as roupas que Adão usava no Paraizo, antes do peccado. Os circumstantes olham-se escandalizados. O guarda civil empurra o prisioneiro para a frente e entra em explicações com o commissario :

—Este cidadão estava deitado á beira-mar, neste traje que V. S. está vendo, inteiramente nú. Chamei-o á ordem e como não quizesse attender, trouxe-o mesmo assim.

Promptidão !... gritou o commissario. Passa a revista neste homem e metta-o no xadrez.



Caiporismo de um recém-casado

O Couto, actor de uma companhia qualquer, estava noivo.

— Com que então te casarás breve? pergunta-lhe um amigo.

— E' verdade.

— E a pequena, que tal?

— Encantadora, um poço de virtude. Faço um esplendido casamento.

— Pelo que vejo estás satisfeito?

— Demasiadamente.

— Já preparaste para tua futura uma excellente noite de *première*...

— Como idealiso. A peça deve ser estreada com todos os *ff* e *rr*.

— Maganão...

E' merecedora. O papel que ella vae desempenhar em minha vida não é nenhuma «ponta».

— N'estas condições...

— Filho... o melhor é esperar por ella.

— Sejas feliz.

Obrigado.

E os dois abraçaram-se, despedindo-se depois no Largo da Carioca.

Seis mezes são passados e o Couto, macambuzio, passava triste pela Avenida e encontra-se com o amigo.

— O?!... parabens...

— ?!...

— Li teu casamento ha dias...

— ?!...

— Has de perdoar meu não comparcimento...

— ?!...

— Comprehendes... tantos affazeres...

— Nada tenho que te agradecer, meu caro...

— Como dizes ?

— Dá-me antes os pezames...

— Não comprehendo...

.....

— Mas, agora vejo. Tens um quê de melancolico. Estás doente ?...

— ?!...

— Aconteceu-te alguma coisa ?...

— ?!...

— Dar-se-ha o caso que tua esposa...

— Nada. Nada. Saberás mais tarde.

Parto breve para um exilio qualquer...

— Mas, homem, não estavas tão satisfeito ?

— Sim... porém fui atrozmente enganado...

Por tua mulher ?...

— Sim.

— Que me dizes ?

— Trato agora do divorcio, já que não posso desmanchar o maldito casamento.

— E' grave. Em tão poucos dias!...

.....

— Mas, Couto, que é da noite de *première* que preparavas, que idealisavas para tua encantadora ?

— Foi ali que o carro pegou.

— Porque?... ella não sabia o papel?...

— ?!.....

E' natural... Uma donzella...

— Qual, meu amigo ella sabia-o na ponta da lingua... Para ella não era uma *première*, era uma *réprise*, filho, uma *réprise*.

Dom Pernichas.



— Doutor, creio que estou muito doente.

— Que tem ?

— Isso é com o senhor.

Elixir de Nogueira

do PHARMCAEUTICO SILVEIRA
Unico que cura a syphilis e suas
terríveis consequencias



Musa suja

Vamos dormir mulher, vamos gosar
Este colchão macio, aonde eu vejo,
A se esconder da tua cara alvar,
Um batalhão de gordos percevejos.

Vamos, anda, meu bem, vamos mostrar
A esta crapula vil de animalejos,
Que jamais elles podem molestar,
As nossas almas fartas de desejos.

Vamos. Não seas tola rapariga.
A noite é bella. O céu, ceruleo manto.
Vamos dormir. Não és do somno amiga?

Vamos, anda, que eu cubro-te de beijos,
Enquanto com furor, ouviste, enquanto,
Te chuparem o sangue os percevejos.

Dom Fernandus.



O COVEIRO

Os cemiterios são lugares que, em geral, despertam pensamentos e sentimentos puros, tanto assim que os pobres lhes procuram as portas para pedir esmolas; entretanto isto não quer dizer que alguns não os procurem para actos menos edificantes.

Foi o que aconteceu á Mme. Sylva Regadas.

Essa dama contractara com seu ultimo amante uma entrevista no cemiterio do Cajú.



Não fôra tanto pela segurança que o lugar offerencia, mas tambem pela presença da Morte que dá um "bouquet" especial ao amôr.

Numa dessas manhãs e das mais lindas, com seu passo saltitante e sua perfeita *toilette tailleur*, Mme. tomou um bonde pensando em seu querido Alvaro que a esperava na mansão dos mortos.

Depois de ter recusado o namoro de dois coios de bonde, Mme. Sylva Regadas chegou ao Cajú.

Saltou e comprou a um marçano que estava á porta, um ramo de flores; e em seguida entrou como quem vai prestar tributo de saudade ao marido bem amado.

O encontro estava marcado para uma quadra afastada e a consumação do acto se devia dar em cima do marmore alvo de um carneiro.

Mme. seguiu por entre as covas sem um olhar de piedade para aquella gente que dormia ali seu ultimo somno.

Alvaro já a esperava e logo que a viu correu a seu encontro:

— Querida!

— Meu bem!

E tão seguros estavam de que ninguém os via que logo se beijaram.

Enganavam-se, pois um coveiro que preparava um carneiro, lobrigando a coisa, escondeu-se bem na cova e ficou á espreita.

Os beijos se seguiram e, depois dos beijos... o amôr.

O coveiro vendo aquelle quadro que o mortificava em sua piedade de tratador dos mortos e em sua *energia* de homem, teve uma revolta e, em voz cavernosa, deu um ronco do fundo da sepultura.

Os dois amantes espavoridos saíram a correr no estado mais lamentavel deste mundo, e o pessoal do cemiterio teve que acudir Mme. que chegou a desfallecer.

016.



— Paul Adam não tem sido apreciado...

— Talvez não tenha sido entendido.



Sem rival nas Flores Brancas e
outras melestias das senhoras

Vidro grande..... 5\$000
Vidro pequeno... 3\$000

— VENDE-SE EM TODA PARTE —



O péor mal

Si a coisa é mesmo assim,
Si não ha nada serio neste mundo
Que vae em decadencia,
Esperemos da scena o negro fim.
O desgosto é profundo.
Tenhamos paciencia.

E' mesmo assim, a vida,
Não ha quem não padeça o seu martyrio.
Que rseja rico ou pobre,
Todos nós temos sempre uma ferida.
De magoas, o delirio,
O coração nos cobre.

Porém, o peor mal,
O que mais fundo fere o nosso peito
Numa agonia muda;
Doença tal de que não ha rival
Eu digo contrafeito:
E' a pindahyba aguda.

Um pobre cidadão,
Si não tirar no bolso algum arame,
Emprego ou grande nome,
Não tem direito a ter opinião.
Por mais que grite e brame
Só lhe responde a fome.

Por isso, eu aconselho,
Si desse mal anceia, padecendo,
O meu leitor amigo,
Faça como eu, que sou macaco velho:
Suspire, e vá vivendo.
Console-se commigo.

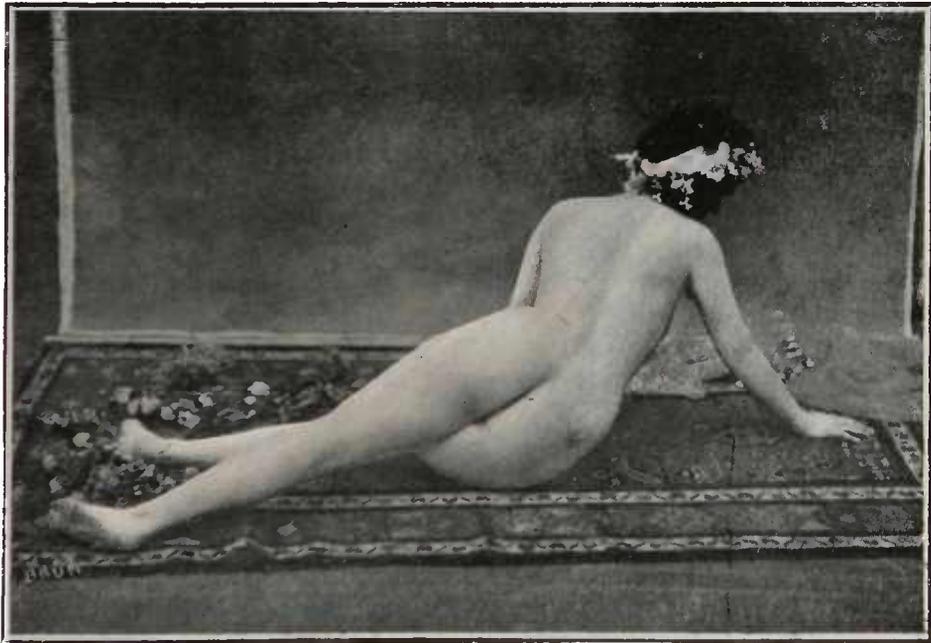
Esculhambofe.



A resolução do caso do Ceará mostrou perfeitamente quanto S. Ex. respeita o regimen: interveio.



O Senado ainda não se pronunciou a respeito dos ultimos acontecimentos; mas é de crer que o faça breve.



A' VENDA



O Album 3^a série
da Bibliotheca de Cupidos
Linda collecção de 8 bellissimas gravuras.
Preço 1\$000 - :: - Pelo correio 1\$500

**SONETISANDO...**

Si os dois, Leonor, vivemos colligados...
Unidos, num só leito; um mesmo tecto...
Si o men affecto, unido ao teu affecto,
São dois affectos, duplos... concentrados...

Si ás vezes, eu te négo algum objecto
De luxo :—Extractos finos... delicados...
Não julgues, não, que eu seja um ser abjecto ;
Ser um, dos sovinoês, mais «agarrados»...

E' que, gentil Leonor, tu não calculas !...
As coisas, hoje, não dão mais p'ra... «gulas»...
E, um homem, tem de ser, mesmo... apertado...

Si queres, pois, Leonor, inventar «môda» :
Mui breve, arranja um bom «perú de rôda»,
E, o mais que pudér ser... bem recheiado»...

Escaravelho**Cartas de um Matuto**

Capitá da corte de São Sebastião 23
dia do meis de Junho qui é o meis do fo-
guetoro, do ano di 1912.

Inlustre seu Redatô.

Pru via desta eu lhi arremeto os meus
cumprimento di fritaço.

O meu trabaio de percurá as nuvi-
dade putitricas da capitá, não tendo dado
resurtado sastifatorio, praquê os baruios
destes ultimo dia, tem sido tão compili-
cado qui nem vale apena a gente pegá
na pena, pr'a dizê im riba de um pedaço
de papé, a pena que fere a noça arma
penada di tantas agonia.

A minha maió sastifação era vê a noça
fremeza Patria arrodia da di fricidade,
venturoza, gozando o prazê do porgueço.
e da civilização, mais, porem, os homi do
governo não qué ? !...

O qui si ai de fazê ? !...

E' a gente i caminhando di banda
sem oiá pra traz pra não virá istata di sá
cumo se deu-se cum a tá fammia da
Bliba.

Apois, não é isto mesmo, seu Redatô,
vosmecê não tá vendo este bandão di
coisa pru ahí a fora ! ?

Nem sei, nem sei o qui será de nois,
si isto não tivé um fim mió qui nos con-
sole di tanta mizera, di tanto iscandelo e
di tanta calemidade !

Si o fregueis oiá pra politrica é aquel-
la disgraca; si oiá pro cumerço é aquella
infricidade; si oiá pra sciencia é aquella
confuzão; si oiá pra os negoço da arte, é
aquella tristesa, si oiá pra moralidade do
mundo é aquella disgraceira; e, si enfim,
a gente oiá pra quarqué coisa é aquella
mizera qui eu falei in riba no principio
desta.

Eu tô meio pindido a tê a mesma
pinião do seu Vigaro Julio Maria. Tô, sim
senhô, pru quê vejo cum os oios qui a
terra ai de comê, o pricipiço onde o
mundo vai cali si Noço Sinhô, não acudi
dipreça a disavergonhada humanidade
qui nestes ultimo tempo tem virado a ca-
beça que nem menina namoradêra.

Hoje, seu Redatô, o mundo tá tão
mudado, qui intê a tá timo:fera é farsa.

E' ou não é isto ?

Magine, vosmecê, pela manhã ella
aparece quente, e quando o fregueis tá
agasaiado no calô, lá vêm o diabo do frio
qui iscaugaia o prazê.

De modo qui no mesmo dia ella dá o
só, o calô, a chuva e não sei que mais.
Ai, bicha farsa !

Agora, carcule, seu Redatô, as otra
coiza. Se ella, a cuja e dita timosfera, qui
não tem vida, é acim tão voluvi, farsa c
leviana, o qui não será antonçe o homi, a
muiê e o otro animá ? !

Virge mãi de Deus ! Vai tudo razo,
meu Sinhô !

Si o mundo não tomá por otro cami-
nho, e fô andando no rojão im qui vai si-
guindo, havemo de tê um sigundo diluvo.

Esta é qui ninguem mi tira da ca-
chola veia.

Apois, é pru iço, qui eu digo qui tô
do lado do seu Vigaro, a respeito da vorta
de Noço Sinhô.

Os negoço cá pru baixo andam de
uma maneira tão horrivi, qui só elle vindo
pra modi indireitá esta gangorra discon-
certada.

Otro qui não fosse Noço Sinhô, não
cairia nesta asneira de vortá a um mundo
onde foi tão maltrado, tão injuriado, tão
calumniado e tão ofendido, aponto de
sofrê o maió dos supliço qui o levô ao
Carvão onde foi barbamente crucificado,
e onde finámente morreu pregado numa
cruis !!!

Mais, porem, elle cumo é um isprito
bom, ao deixá inscapá o seu ultimo sus-
piro, deixou tambem o seu perdão que
abrangeu toda a humanidade. E açubiu
pro Céu.

O seu Vigaro Julio Maria, dixeu qui elle
vorta e eu creio, mais que venha com ar-
guma recommendação das Europicas,
senão, não dizembarca :

.....
.....

Vosmecê tá cumigo, ou não tá seu
Redatô ? !

Seu respeitadô C^o Ob^o

Bonifaço Sargado.



BASTIDORES



Antonio Dias e Maria Santos, dois estimados artistas do «Cinema-Theatro Chantecler» onde são justamente apreciados, realizam ali, amanhã, sua festa artística que terá logar com a representação da linda opereta *A Casta Suzanna*, em que ambos têm parte saliente.

Dado que o espectáculo é de mão cheia e os beneficiados dignos de todo o auxilio publico, é de prever que o «Chantecler» não tenha amanhã um só logar vasio.

O *Riso* agradece o convite que gentilmente lhe foi endereçado.

— Dizem que a menina Clarisse Paredes perdeu o appetite, com *saudades* da Carlota; mas que, para as espalhar, atirou-se á Granada...

Que querem! são paixões...

Sempre nos sahiu um conquistador o ator Lagos!

O pandego atira-se a todas a um tempo, não se contenta com as *aguas de Santa Thereza*...

— Affirma o Leonardo Feijão Fradinho que o Humberto Amaral vae cheio de dinheiro para a «terra», porque almoça de *borla* e janta nos conhecimentos...

Sendo assim...

— Disse-nos o John que sua collega Maria Venancio veio este anno sem acompanhamento de *musica* e sem ter quem lhe faça a *fachina*...

Vá, seu John, que esta tem piada!

— Ao que dizem as más linguas, a recompensa dada á Marcia, pelo Gabriel, em troca dos serviços que lhe prestou, foi fazel-a *actriz*...

Do *outro* já ella teve as alviçaras num cordão d'ouro...

— O' Sarmiento, então já te esqueces de *Lisboa*?...

Ingrato.

— Parece impossivel que a Maria das Neves tenha ido em trajos menores incommodar a Clarisse só para lhe pedir um beijo!...

Ah! que se não fosse a entrevista...

— Diz o Alberto Ferreira que se não fosse ter dó dos collegas deitava fogo ao «Pavilhão».

Era bem empregado, isso era!

— Então, Leonardo, acabaram-se-te as ceias de *borla*, hein?

Não tens mais reclames para o Virós-cas...

— Ao que nos informam, a Branca depois que *desertou* do 42, já tem um vestido de seda do custo de 500 *bagarotes*!

Que diz a isto o Chico do *Tito-Tico*?...

— E não é que o ator Lagos esteve hora e meia a conversar com a Paredes, no sofá, para por fim ficar a chuchar no dedo!

Aquillo é que foi uma ordem de despejo em regra!

— Anda muito triste o actor Chaby, e tem bastantes razões para isso: até esta data ainda não teve um unico, um simples convite para jantar!

E' que... «gato escaldado»...

— O Leal diz agora que é anarchista.

Homem, elle é tanta coisa!... não nos admira que tambem seja anarchista.

— O Madureira Cabeça de Macho ainda não perdeu a mania de se dizer empresario.

Melhor faria elle se tratasse de entrar em uso do *Mucusan* para curar a *pingadeira* que já arranjou...

Garantiu-nos o ator Lagos que a Cordalia continúa a tomar suas *pielas* apenas com licôres de duas qualidades: nacionaes e estrangeiros...

E o que temos nós com isto, seu Lagos?

— Agora é que a Branca vae pagar as prestações do cordão com *rapidade*...

— Então, Clarisse, já te foi apresentado o *commandador*?

Olha que o gajo, tem *massa*...

— O' Maria das Neves, que coisa é esta de conquistas?

Nunca mais feches a porta que o rapaz assusta-se e foge...

Diz o Albuquerque Meio Metro que o Leonardo Feijão Fradinho conseguiu encher a casa porque, ao passar os bilhetes do beneficio, parecia um ceguiño a andar de porta em porta, pela cidade.

Si duvidamos...

— Até á hora em que escrevemos ainda o Gabriel não havia *perdido* nenhuma orelha...

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhora e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3 660.



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO II

—Como permittiu o acaso, minha amiga, que nunca tivéssemos sido amantes? Disse-me tambem que tem pertencido a quem a tem desejado, e, apesar de ter sido sempre tão formosa como hoje, nunca pude ter a audacia de lhe pedir uma carícia. Comtudo, desde que ri como esses loucos, desde que se esforça por divertil-os, não conhece ninguem que a procure tanto como eu. Melhor do que nenhum outro amante, adivinhei os esplendores do seu corpo, as maravilhas encobertas da sua carne, o prazer voluptuoso, prompto a nascer, dos seus gosos e considerava-a como Belleza que se não profana e que se adora de joelhos.

Nenhum momento tive ciúmes de seus amantes. Sentia-me mais feliz com os seus olhares, do que muitos outros o seriam com suas caricias. E porque? Hoje, comtudo, partimos para a solidão, o repouso e o mysterio, como dois amantes que se querem amar ás occultas, e que receiam ser vistos. Porque, pelo menos, para toda a gente, nós hoje somos amantes.

Marcella não respondeu. Fechára os olhos lentamente como para vêr o que se passava no seu intimo.

Assim isolada com seu pensamento parecia Venus, Venus adormecida quando os sonhos voluptuosos lhe cerram as palpebras de cansaço.

Estava magnificamente bella, no abandono d'aquella attitudo de repouso; e as suas formas, harmoniosas em seus delicados contornos, purificavam-se ainda, graças ao vestido um pouco largo, que deixava adivinhar por completo seu corpo delicioso.

Até Tours não proferiu uma palavra. Ahi, o comboio parou.

—Ainda não chegámos ao termo de nossa viagem,—disse, por fim,—falta-nos uma hora; estaremos a tempo de almoçar.

O comboio em que tomamos logar seguiu o curso do Cher: vimos de passagem, o castello de Chermonceaux; á dis-

tancia, já tínhamos admirado a Renaissance d'Amboise e, um pouco antes, por entre a verdura, as torres monstruosas de Chaumont, traçando seu grandioso perfil no horizonte. Corriamos, agora, pelos bosques; tínhamos descido as vidraças do compartimento onde iam, sós. Os passaros deviam cantar, e nós fingiamos ouvir-lhes os gritos alegres e o bater das azas. O céu, a terra, o ar, tudo parecia em festa. Era o sol! Era a alegria!

Marcella começou a sorrir. Todo seu ser se animava.

—Eis-nos chegados, disse a joven. Como é bello, como vamos ser felizes! Que lindo, não é verdade? Diga-me que a minha terra é linda. No rio, um pouco mais além, ha peixes grandes; sim, peixes a valer, e tambem ha passaros na ramaria copada do arvoredo. Havemos de percorrer tudo isto. Mostrar-lhe-hei onde nasci, os sitios por onde vadiei, onde colhia nozes, mostrar-lhe-hei tudo que me viu crescer.

A locomotiva apitou e parou.

—Montrichard! Montrichard! gritaram os empregados da estação.

Eis-nos felizmente chegados, exclamou Marcella. E' Montrichard.

Na vespera, julgára que era o começo de um romance; tinha-me enganado.

Começava uma vida nova, uma vida com alguns dias de felicidade, de voluptuosidade, de amor, como poucos homens têm conhecido.

Acompanhára uma mulher, e depa-rou-se-me um ente perfeitamente terno, amoroso, simples, complicado, nervoso, mas sincero, alegre, e tão bello que as flores abriam mais depressa á sua passagem, os passaros reuniam-se em volta della para cantar, a atmosphaera tornava-se mais perfumada, o sol mais radiante, a claridade da lua mais sentimental. E a gente da terra via-nos passar sorrindo, saudando-nos, como se tambem elles, nos amassem.

(Continúa).